

## As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro)

Francisco Sande Lemos

Domingos Marcos

### 1. Introdução

A estação arqueológica designada por Fragas do Diabo é um sítio desde há muito conhecido pelos estudiosos da arqueologia do Nordeste Transmontano, sem que tivesse sido objecto de um estudo minucioso ou sequer de citações breves.

Numa visita pormenorizada ao local, realizada em 13 de Agosto de 1982, pudemos verificar que as Fragas do Diabo integram um conjunto de abrigos em xisto, com numerosas gravuras de estilo muito peculiar, que estavam a ser destruídas por curiosos, constatando se, mesmo, que algumas tinham sido recentemente danificadas.

Foi assim considerado urgente proceder-se ao levantamento fotográfico das gravuras, bem como a uma sondagem que permitisse avaliar o interesse arqueológico do conjunto, de tal modo que posteriormente pudessem ser tomadas as necessárias medidas de classificação e protecção<sup>1</sup>.

### 2. Localização

A estação arqueológica designada por Fragas do Diabo situa-se provavelmente no limite entre os termos de Vila dos Sinos e Vilar de Rei, lugares que fazem parte, respectivamente, das freguesias de Vilarinho dos Galegos e Vilar do Rei, ambas do concelho de Mogadouro (Est. I).

---

<sup>1</sup> A campanha arqueológica desenvolveu-se entre os dias 16 e 20 de Agosto de 1982, envolvendo um efectivo de 7 elementos: Francisco Sande Lemos; Jesus Martinho; Vlademiro Pires; Manuel Coelho; Dores Novais; Oscarina Carvalho; Manuel Abraão Pires.

O espólio resultante dos trabalhos, bem como a documentação respectiva encontra-se depositada em Braga, na sede provisória do Museu de D. Diogo de Sousa.

Os elementos topográficos e desenho foram tratados em laboratório por Filipe Antunes. As fotografias foram feitas no campo por Jesus Martinho e Francisco Sande Lemos, tendo sido reveladas e reproduzidas no laboratório fotográfico do Museu de D. Diogo de Sousa, por Manuel Santos.

O acesso ao local não é fácil. A partir da sede do concelho toma-se a estrada nacional n.º 221, para Miranda do Douro. Percorridos 6 Km, e imediatamente a seguir à povoação de Santiago, corta-se à direita, pela estrada municipal que conduz a Peredo de Bemposta. Ainda nesta estrada, há um cruzamento para Vila dos Sinos e Vilarinho de Galegos, caminho em macadame facilmente utilizável por automóveis.

Cerca de 1 Km antes de Vila dos Sinos é então necessário abandonar a estrada e seguir por uma picada que se divide à direita na direcção Oeste, só acessível a tractores, camionetas ou jeeps. No emaranhado de caminhos, só um conhecedor perfeito do terreno consegue encontrar o percurso que leva às Fragas do Diabo, sítio a que é apenas possível chegar em jeep ou em viatura afeita a todo o terreno. A partir de Vila dos Sinos ou de Vilar do Rei, há caminhos de pé posto, que em escassa meia hora levam ao vale das Fragas do Diabo.

### 3. Contexto geográfico

As Fragas do Diabo constituem um pequeno, estreito e rochoso desfiladeiro, escondido no altiplano ondulado, genericamente designado por Planalto da Terra de Miranda. Nesse desfiladeiro, a ribeira da Veiga, afluente do rio Douro, corta xistos classificados como câmbrios na Carta Geológica de Portugal (escala 1:500 000). O aspecto muito específico do vale resulta, ou da erosão diferencial (disposição oblíqua da estratigrafia dos xistos e contactos com o granito), ou de erosão regressiva, ou mesmo dos dois factores conjugados. Num breve troço de escassos 2 Km, e sem continuidade quer a montante, quer a jusante, as vertentes são rochosas e vivas, oferecendo abrigos de amplitude variável. A área do desfiladeiro está cheia de mato, onde circulam alguns rebanhos de cabras. Os suaves interfluviais e largos talvegues que rodeiam as Fragas do Diabo, são aproveitados para a agricultura (cultivo de trigo, cevada e centeio).

### 4. Contexto arqueológico

Os quadros evolutivos da arqueologia do Nordeste Transmontano apenas poderão estar esboçados daqui a alguns decénios, dado o atraso cada vez maior da investigação no interior em relação à faixa litoral. A bibliografia existente resume-se a alguns títulos.

O carácter disperso e descontínuo dos estudos disponíveis não permite mesmo esboçar um primeiro balanço da arqueologia transmontana.

Nestas circunstâncias é sempre difícil ensaiar-se a integração de uma estação arqueológica com características muito específicas, como é o caso do abrigo das Fragas do Diabo.

Existe, no entanto, na região nordestina um conjunto de sítios que revelam uma ocupação pré-histórica em gruta ou abrigos: Lorca de Dine (Vinhais); Grutas

de Santo Adrião (Vimioso); Abrigo sob rocha de Penas Roias (Mogadouro); Abrigos sob rocha do Corno do Cunho (Mogadouro), recentemente descoberto por Domingos Marcos; Fraga da Solhapa (Miranda do Douro).

O espólio proveniente de alguns dos sítios acima citados está ainda por estudar. No entanto, considera-se habitualmente que a generalidade das cerâmicas encontradas pode ser atribuída à Idade do Bronze.

Como veremos adiante é possível que também os Abrigos das Fragas do Diabo possam ser, provisoriamente, inseridos naquela época.

##### 5. *Características gerais da estação*

Como sítio arqueológico as Fragas do Diabo constituem um conjunto de seis abrigos sob rocha, dispostos ao longo de um pequeno vale encaixado (Est. II). Os abrigos numerados de montante para juzante de 1 a 6, foram moldados no substrato xistoso, por um processo de erosão fluvial regressiva. Os abrigos 1, 3, 5 e 6 oferecem superfícies rochosas com gravuras. Os abrigos 2 e 4 estão a tal ponto entulhados por sedimentos que é impossível afirmar se possuem ou não insculpturas. Por outro lado é de assinalar que enquanto os abrigos 3 e 6 se encontram completamente lavados, os abrigos 1, 2 e 5 parecem oferecer boas perspectivas em termos de enchimentos com interesse arqueológico. Aliás, como adiante se verá, a sondagem realizada no abrigo 5 demonstrou que há hipótese de serem recuperados dados relativos a uma eventual ocupação pré-histórica ou proto-histórica dos abrigos sob rocha.

Num território vasto e planáltico como é a Terra de Miranda sujeita a invernos rigorosos, estes abrigos sob rocha, quer nos quartzitos, quer nos xistos e granitos, terão sido locais propícios à instalação temporária das comunidades pré-históricas.

##### 6. *Insculpturas*

A designação tradicional para este sítio, de «Fragas do Diabo», tem por fundamento a lenda que nos foi referida pelos pastores, segundo a qual, o Diabo afiava as unhas naquelas pedras, deixando-as assim marcadas para sempre.

Esta lenda tem por origem as numerosas insculpturas gravadas nos xistos.

Só encontramos gravuras nos abrigos 1, 3, 5 e 6. No abrigo 1 observa-se um único painel, assim como no abrigo 6. Nos abrigos 3 e 5 são numerosas as pequenas superfícies rochosas com gravuras.

De um modo geral as gravuras resumem-se a sinais lineares, insculpidos profundamente na rocha, tendo em alguns casos adquirido uma patine muito acentuada.

Os sinais lineares, que possuem uma dimensão regular, com cerca de 5 cm a 10 cm., agrupam-se de uma forma irregular, ora formando um conjunto de para-

lelas ora sobrepondo-se. Outras vezes convergem, ou constituem uma mancha irregular (Est. VII e IX-1).

Para além dos sinais lineares, apenas no painel do abrigo 1 encontrámos um segundo tipo de sinal, em V, cortado (Est. V-2). Tal como os sinais lineares, este segundo tipo de sinal agrupa-se em séries bem definidas.

Finalmente há a considerar um terceiro tipo de sinal, aliás habitual em toda a arte rupestre, em forma de rectângulo axadrezado (Est. VII-1).

Como é evidente, esta pobreza «tipológica» poucas considerações permite. São conjuntos muito abstractos, constituídos por tipos muito comuns na arte rupestre, mas que são frequentes em qualquer época, desde o Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Torna-se assim problemático propor uma inserção cronológica para estas insculpturas. Paralelos próximos existem e são os seguintes: as gravuras do abrigo da Solhapa, com tipos muito semelhantes (MOURINHO, 1972, 33-62); a Pedra de Ridevides onde se encontram os mesmos motivos, mas onde outros sinais, proporcionam uma maior diversidade tipológica (SANTOS JUNIOR, 1963, 111-144). Finalmente algumas rochas gravadas do grupo recentemente descoberto em Vale da Casa, rio Douro, revelavam sinais muito semelhantes aos das Fragas do Diabo.

#### 7. Sondagem no abrigo 5

As prospecções de superfície efectuadas no vale das Fragas do Diabo revelaram-se negativas, incluindo no próprio leito da ribeira, pelo que se considerou oportuno proceder à abertura de uma sondagem com a finalidade de verificar se os abrigos estavam inteiramente lavados, ou se pelo contrário tinham conservado sedimentos com interesse arqueológico. Excluído o abrigo 3, manifestamente lavado, foi escolhido o abrigo 5 para a implantação da sondagem (Est. VIII-2).

A sondagem tomou as medidas de um rectângulo de 2 x 3 m. adossado à parede do abrigo (Est. III e IX-2). A decapagem foi feita por estratos artificiais e naturais devidamente articulados, com os resultados que a seguir se descrevem:

- Foram detectadas duas manchas de terra com alta incidência de carvões muito fragmentados, o que poderá corresponder eventualmente a uma «lareira» de feição muito tosca (Est. IV).
- Foram recolhidos calhaus angulosos de quartzo aparentemente fragmentados pela acção do fogo. Os referidos calhaus são manifestamente alógenos em relação ao sedimento característico do abrigo que incorpora predominantemente blocos, ou lascas de xisto resultantes do contínuo processo de recuo do tecto do abrigo.
- Foi recolhido espólio arqueológico constituído por peças de quartzo atípicas e por dois fragmentos de cerâmica. A cerâmica é de fabrico manual.

ainda que os pedaços recolhidos sejam tão pequenos que tal conclusão deve ser considerada com as devidas reservas. Além deste espólio foi recolhido um fragmento da parede do abrigo, com vestígios de uma gravura linear, o que comprova o processo de recuo atrás mencionado.

A dispersão dos objectos e as cotas diferentes a que foram recolhidos são factores que fazem supor acções de revolvimento que tanto podem ser muito antigas como modernas.

O substrato rochoso foi encontrado à profundidade máxima de 1,10 m. relativamente à superfície do solo actual; não se tendo apurado qualquer sobreposição estratigráfica significativa.

#### 8. Considerações finais

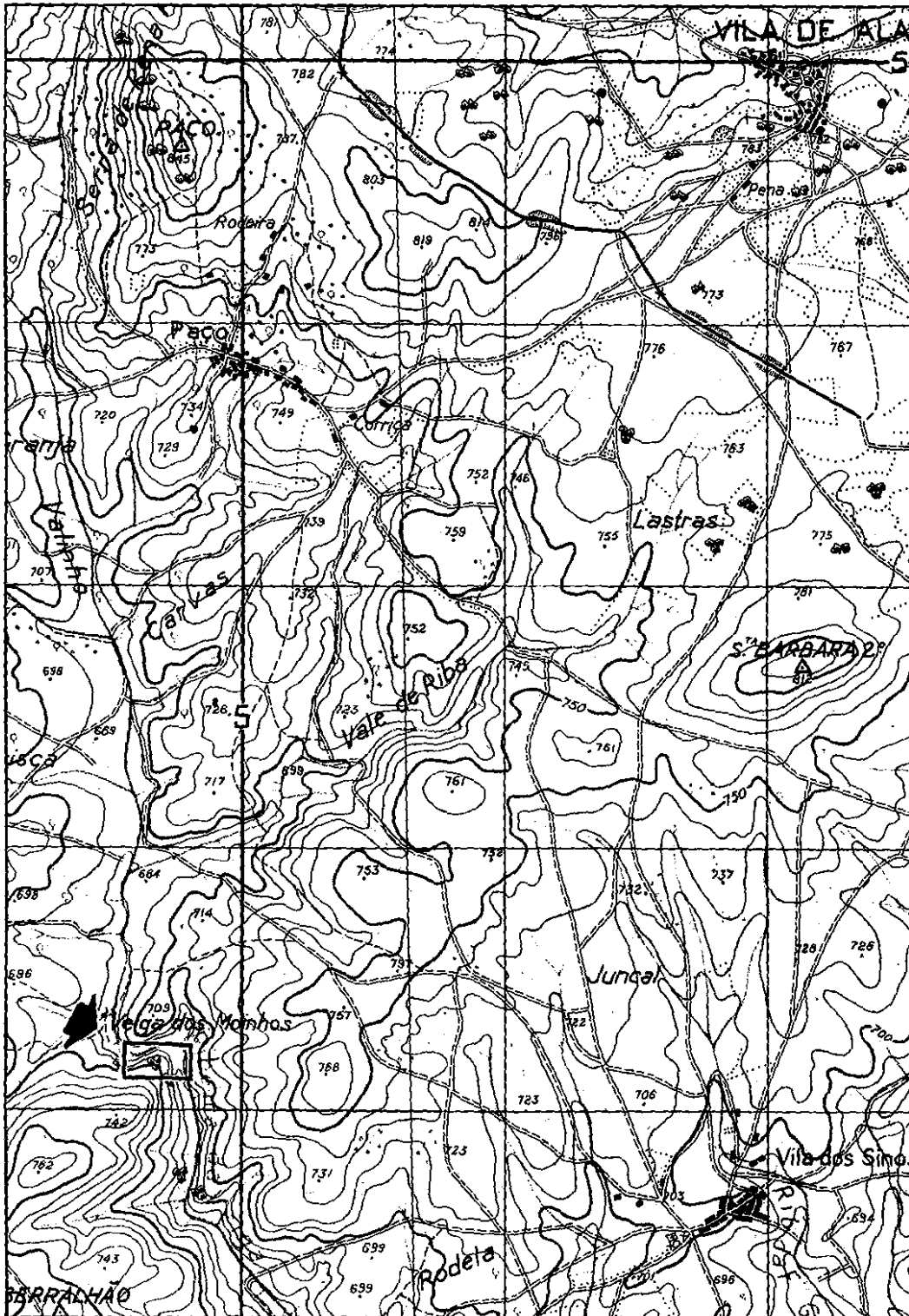
Apesar da duração muito limitada da campanha de trabalhos (1 semana) foi possível proceder não só ao registo fotográfico de todas as gravuras, como também determinar o interesse estratigráfico da estação.

Assim as Fragas do Diabo, são um conjunto de abrigos com arte rupestre esquemática de tipo muito definido, conservando alguns, sedimentos com espólio de feição pré-histórica (Idade do Bronze?).

#### BIBLIOGRAFIA

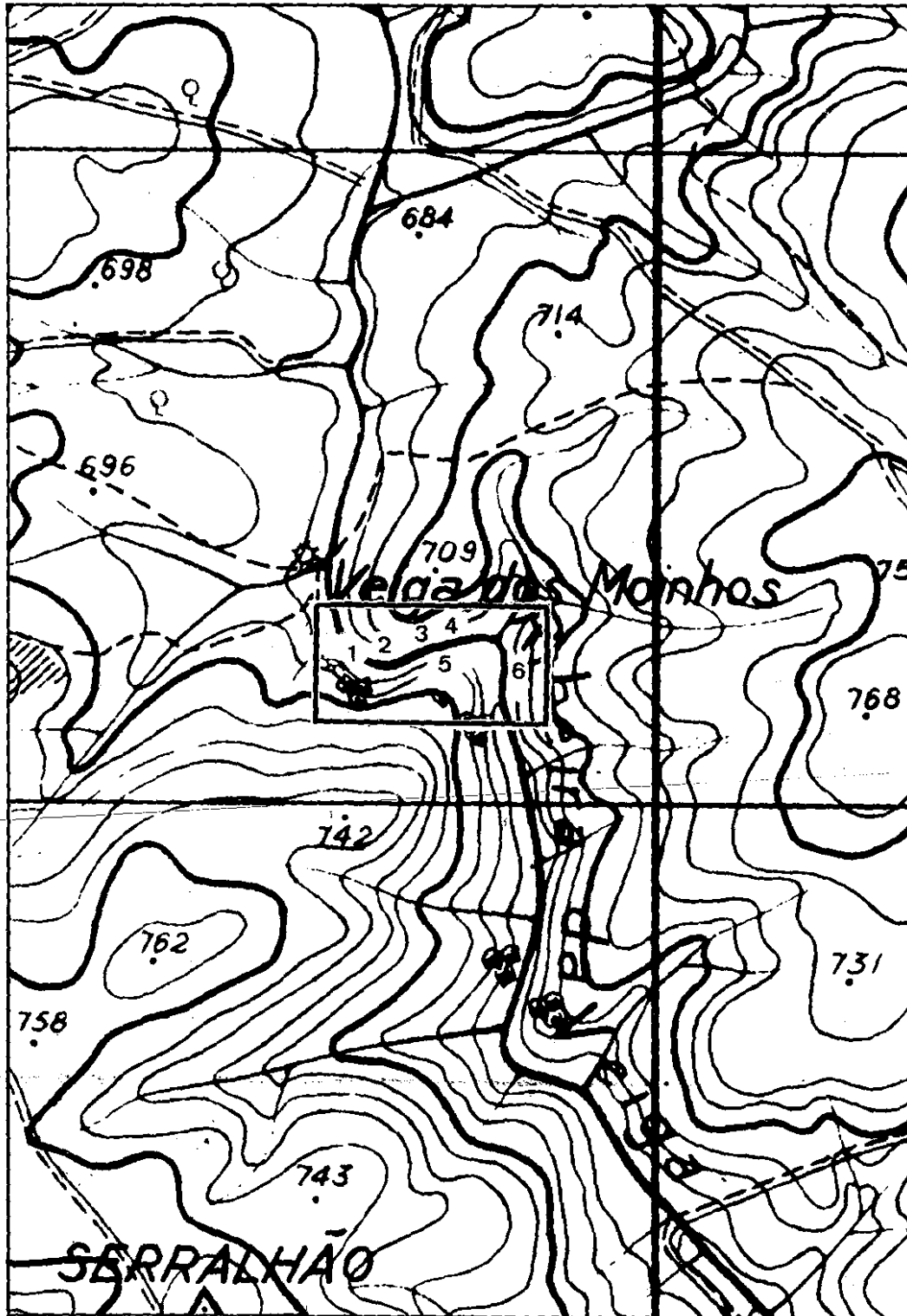
- MOURINHO, A. M., 1972, O abrigo rupestre da Solhapa em Duas Igrejas — Miranda do Douro, *O Arqueólogo Português*, Série IV, VI, Lisboa, pp. 33-62.  
SANTOS JUNIOR, J. R. dos, 1963, As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIX, 2, Porto, pp. 111-114.





Localização do sítio dos abrigos. (Esc. 1:25 000).

ESTAMPA II



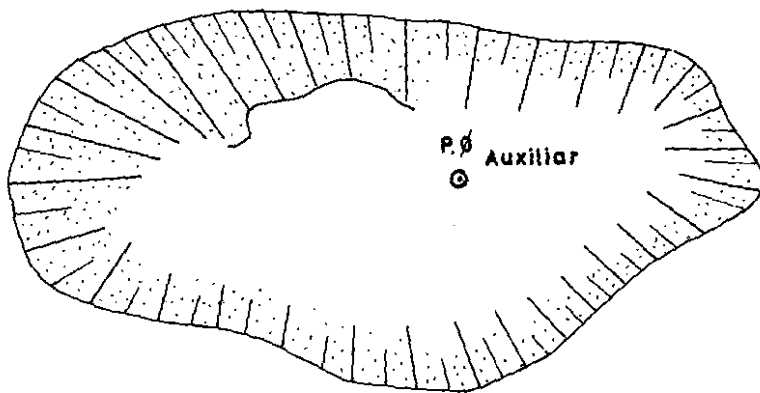
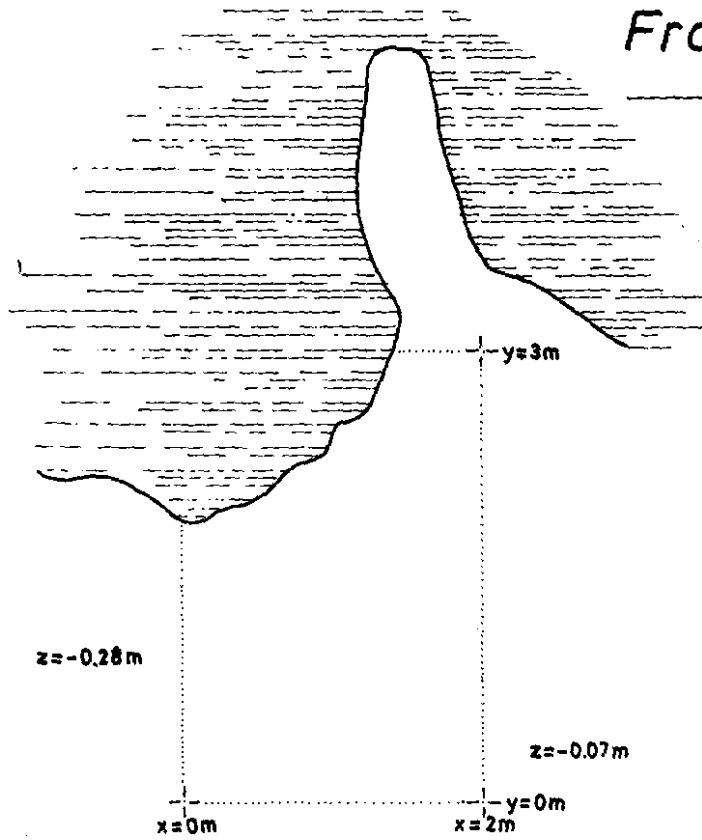
Distribuição dos abrigos sob rocha. (Esc. 1:2 500).



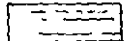
# Fraga do Diabo

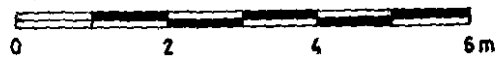
— Vila dos Sinos —

— 1982 —



## Abrigo—5

-  ROCHA XISTOSA
-  ROCHA GRANÍTICA



Localização da sondagem em relação ao abrigo. (Esc. 1:100).

ESTAMPA VI

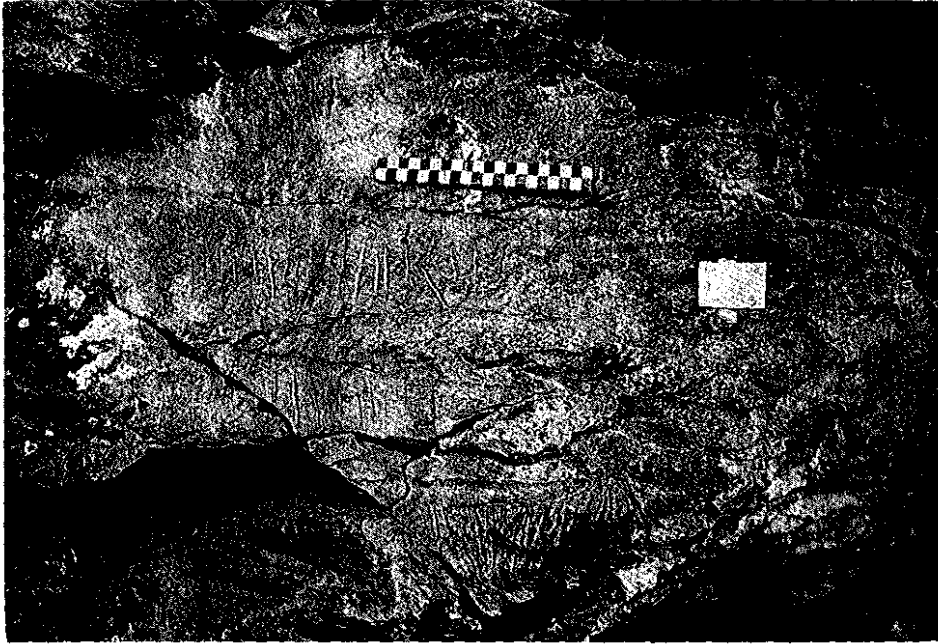


1 Panorâmica do abrigo 2.

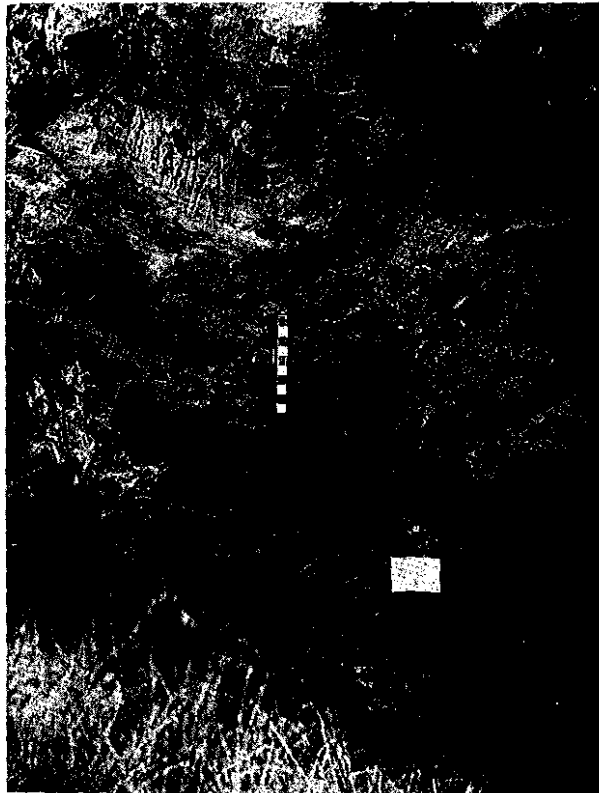


2 Panorâmica do abrigo 3.

ESTAMPA VII

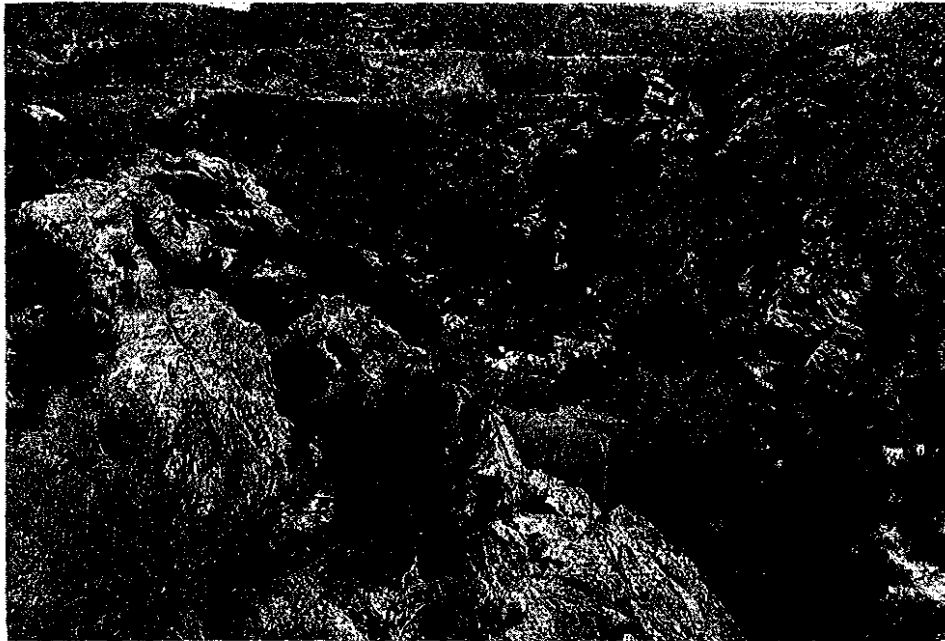


1 Gravuras do abrigo 3.



2 Gravuras do abrigo 3.

ESTAMPA VIII

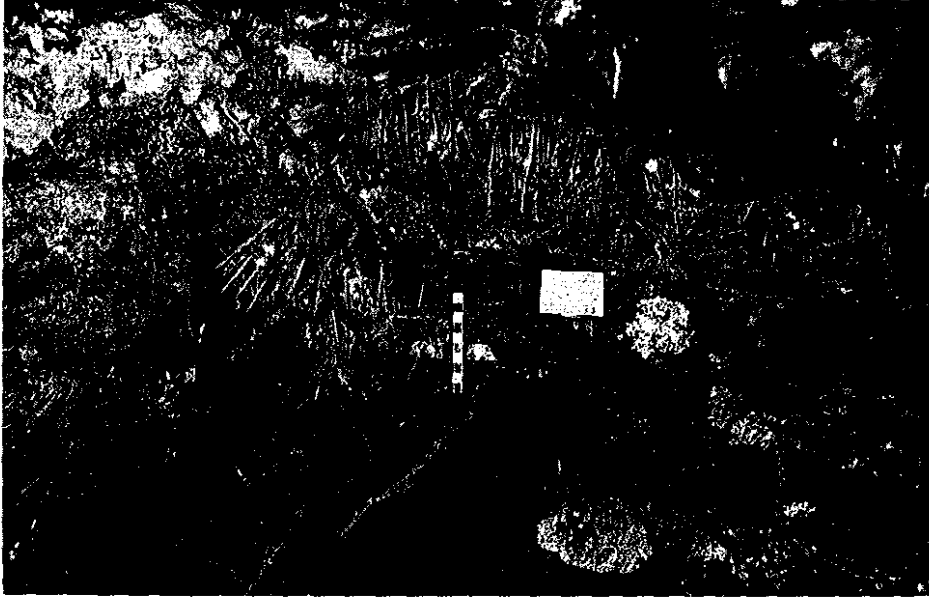


1 Panorâmica do abrigo 4.



2 Panorâmica do abrigo 5.

ESTAMPA IX



1 Gravuras do abrigo 5.



2 Sondagem no abrigo 5.

ESTAMPA X



Panorâmica do abrigo 6.